

## VIVÊNCIA COMUNITÁRIA EM EDITH STEIN

*Profa. Ms. Suzana Filizola Brasiliense Carneiro\**

**Resumo:** O presente artigo tem por objetivo apresentar a visão de Edith Stein a respeito da vida comunitária. Para tanto buscaremos: a) explicitar a base fenomenológica que conduziu as investigações da autora; b) apresentar os traços essenciais da comunidade e c) ilustrar a vivência comunitária a partir de uma experiência educativa desenvolvida em uma escola pública de São Paulo. Neste último aspecto apresentaremos exemplos de transformações vivenciadas por alguns alunos durante a experiência relatada como, por exemplo, a aproximação à literatura. Este e outros relatos irão ilustrar a contribuição da vivência comunitária para o desenvolvimento da pessoa humana.

**Palavras-chave:** Edith Stein, comunidade, educação, Maria.

**Abstract:** This article aims to present the vision of Edith Stein about the community life. For this we will seek to: a) explain the basis of phenomenological investigations conducted by the author; b) present the essential features of the community and c) illustrate the community life from an educational experience developed in a public school in Sao Paulo. In this latter respect present examples of changes experienced by some students during the experiment reported as, for example, the approach to the literature. This and other reports will illustrate the contribution of community experience to the development of the human person.

**Keywords:** Edith Stein, community, education.

### Introdução

O objetivo principal deste trabalho é apresentar a visão de Edith Stein a respeito da vivência comunitária e ilustrar a sua contribuição para o desenvolvimento pessoal a partir do relato de uma experiência educativa realizada em uma escola pública da periferia da zona norte de São Paulo. Para tanto, traçamos um percurso que se inicia com a contextualização filosófico-metodológica das investigações da autora, passando pela descrição dos traços essenciais da vivência comunitária e culminando com a apresentação da experiência educativa.

Seguindo este percurso, subdividimos o artigo em quatro itens. No primeiro, abordamos a raiz filosófica de Edith Stein, apresentando a fenomenologia de Edmund Husserl e sua proposta investigativa de busca das essências, ou seja, do retorno às *coisas mesmas* a partir da descrição da sua manifestação à consciência humana (fenômenos). Descrevemos as etapas do método fenomenológico na forma como foi utilizado por Edith Stein nas suas investigações a respeito da pessoa humana e dos agrupamentos sociais. Particularmente, atemo-nos à vivência da empatia, chave de leitura para a compreensão das relações humanas e, portanto, das vivências comunitárias.

No segundo item apresentamos brevemente as três formas de vida associativa descritas por Stein: sociedade, massa e comunidade. Mostramos a ênfase que se dá a cada um destas formas de agrupamento às dimensões física, psíquica e espiritual do ser humano. Em seguida, nos debruçamos sobre a vivência comunitária, descrevendo os traços essenciais desta, de acordo com o resultado das análises da autora.

Por fim, apresentamos o relato de mudanças ocorridas nos participantes de um projeto de literatura que teve lugar, durante um ano, em uma escola pública da periferia de São Paulo. Ao tratarmos desta experiência, buscamos identificar de forma dinâmica o movimento de alguns membros do grupo, apontando para o tipo de relação estabelecida em determinadas situações. Ao tipificar as relações, buscamos identificá-las com as características descritas por Stein nos agrupamentos de massa, nas sociedades ou nas comunidades. Explicitamos através de exemplos de transformações vivenciadas por alguns alunos durante o projeto de que forma a vivência comunitária pode contribuir para o desenvolvimento do ser humano. Convidamos o leitor a seguir conosco o percurso descrito, iniciando com o item “Raiz filosófica em Edith Stein”.

### **Raiz filosófica de Edith Stein**

Para chegarmos a uma compreensão a respeito da visão de comunidade e de outros temas resultantes das investigações de Edith Stein, julgamos oportuno situar o leitor em relação à principal fonte filosófica da qual a autora bebeu e que serviu de base e inspiração para todo o seu percurso intelectual: a fenomenologia de Edmund Husserl. De fato, Bello afirma que “não podemos falar de Edith Stein sem nos

referirmos a Husserl, mestre sempre presente nas suas investigações até o fim, mesmo depois do encontro da autora com o pensamento medieval”<sup>1</sup>.

Entre 1913 e 1916 Edith Stein seguiu o curso de fenomenologia de Husserl e passou a fazer parte do chamado “Círculo Fenomenológico de Göttingen”. Este grupo reuniu estudiosos de diversas áreas em torno do interesse comum pela fenomenologia e sua proposta original de conhecer e se relacionar com o mundo.

A aproximação de Edith Stein a esta corrente filosófica tinha como principal motivação a busca pela compreensão do ser humano, tema constante em suas investigações e ponto de partida para o estudo da vida associativa e da vivência comunitária.<sup>2</sup> Mas o que propunha Husserl com a fenomenologia?

O principal objetivo de Husserl era chegar ao conhecimento essencial das coisas; chegar às *coisas mesmas*. De acordo com a própria Stein,<sup>3</sup> em seu percurso investigativo, Husserl compreendeu que a única coisa que realmente podemos conhecer sem duvidar é a nossa experiência vivida (ou vivência) das coisas. Trata-se do fenômeno das coisas, ou seja, a sua manifestação na nossa consciência.

Segundo Husserl, só podemos conhecer o que é vivenciado por nós ou, em outras palavras, só podemos conhecer um objeto a partir do modo como ele se manifesta à nossa consciência. A título ilustrativo, Giorgi exemplifica esta noção ao afirmar que no âmbito da análise fenomenológica não deveríamos dizer “esta mesa existe”, mas, “este objeto se manifesta a mim como uma mesa”.<sup>4</sup> Deste modo, Husserl coloca em evidência o ser humano enquanto sujeito do conhecimento e afirma a necessidade de uma investigação cuidadosa deste ser humano que conhece. O autor aponta para a situação paradoxal em que a pessoa se encontra ao ser, concomitantemente, sujeito e objeto do conhecimento.

---

<sup>1</sup>BELLO, A. A. “Edith Stein: i gradi dello spirito”. In: AA.VV. *Etica contemporanea e santità – Atti del VI corso dei Simposi Rosminiani*. Milazzo. Edizioni Spes. 2006. pp. 127-145 (Tradução nossa).

<sup>2</sup>BELLO, A. A., Prefazione, in STEIN, E. *Il problema dell'empatia*. Edizioni Studium, Roma, 1998.

<sup>3</sup>STEIN, E., Prefazione, in STEIN, E. *Il problema dell'empatia*. Edizioni Studium, Roma, 1998.

<sup>4</sup>GIORGI, A., “Sobre o método fenomenológico utilizado como modo de pesquisa qualitativa nas ciências humanas: teoria, prática e avaliação”, in POUPART, Jean et alli. (orgs.). *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*, Vozes, Petrópolis, 2008, p. 386-409.

Partindo desta visão, Husserl propõe um caminho para chegar à essência das coisas (*Sachen*). Tal caminho constitui o método fenomenológico descrito por Bello em duas etapas.<sup>5</sup> A primeira delas é a redução à essência, ou seja, a redução àquilo que a coisa é, segundo o seu próprio ser. Para se chegar à essência o autor propõe um procedimento que consiste em colocar entre parênteses teorias dadas de antemão, julgamentos e ideias preconcebidas a respeito daquilo que se quer conhecer.

Deste modo nos colocamos em uma postura de abertura para captar o objeto no modo como ele se manifesta a nós, evitando distorções e barreiras que lentes interpretativas antecipadas poderiam provocar. Esta postura é chamada *suspensão* ou *epoché*. Suspender não significa eliminar ou negar as relações espontâneas com o mundo, mas sim colocar entre parênteses para voltar a atenção àquela situação na qual o fenômeno se manifesta a nós<sup>6</sup>.

A segunda etapa do método fenomenológico consiste em buscar a essência do ser humano, sujeito do conhecimento. Essa etapa é chamada *redução transcendental* e se realiza a partir de um mergulho na própria interioridade, buscando apreender o que somos a partir das nossas vivências. O termo redução transcendental refere-se à busca da constituição interna do ser humano, daquilo que é próprio do sujeito. Trata-se de uma capacidade transcendental inerente à estrutura da pessoa e não vinda do exterior<sup>7</sup>.

Segundo Bello, “o esforço das análises de Husserl e de Edith Stein, em particular, é o de analisar a vida da consciência e isolar no interior desta, os atos (ou vivências) que a constituem”.<sup>8</sup> Desta análise, Husserl, e também Stein, descobrem diferentes modalidades de vivências, revelando uma estrutura essencial do ser humano, formada por três dimensões: corpórea, psíquica e espiritual.

No corpo se dão as vivências corpóreas como a percepção, o registro de sensações e os instintos em geral. À dimensão psíquica correspondem as vivências psíquicas reativas de atração ou repulsa, as

---

<sup>5</sup> BELLO, A. A., *Introdução à fenomenologia*, Edusc, 2006, Bauru, SP.

<sup>6</sup> CARNEIRO, S. F. B., *A articulação entre escola e comunidade do entorno em um projeto de literatura marginal: um olhar fenomenológico*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação: Psicologia da Educação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2011, p. 94.

<sup>7</sup> Op. Cit.

<sup>8</sup> BELLO, A. A., Prefazione, in STEIN, E. *Il problema dell'empatia*. Edizioni Studium, Roma, 1998, p. 8.

emoções e os sentimentos. O espírito, por sua vez, compreende as vivências espirituais ligadas ao intelecto e à vontade tais como decisões, reflexões, avaliações e tomadas de posição consciente.

Edith Stein dedicou-se especialmente ao estudo da vivência da empatia, cujo tema desenvolveu em sua tese de doutorado em 1916, sob a orientação de Husserl. A vivência empática é uma experiência imediata que acompanha a vivência da percepção e que nos permite reconhecer a presença de outro ser humano diante de nós, reconhecer um ser humano enquanto presença física, mas também a sua subjetividade, ou seja, captar o que ele está vivenciando.

A empatia é intuitiva, é um “sentir o outro”, possível graças a uma constituição comum a todos os seres humanos. Todos percebem, recordam, sentem, refletem. São vivências comuns porque fazem parte da constituição do ser humano e, portanto, podem ser reconhecidas no outro. Reconhecê-las no outro, entretanto, não significa vivenciá-las da mesma forma, pois a forma como se vivencia é única, pessoal. A vivência é comum, mas adquire uma coloração singular em cada pessoa<sup>9</sup>.

Quando encontramos alguém que está alegre, por exemplo, compreendemos pelos seus gestos, pela sua expressão, que está experimentando o sentimento de alegria. Pela empatia, reconhecemos a alegria no outro. Não se trata de alegrar-se com ele (o que pode ocorrer também), nem de alegrar-se como ele, mas de reconhecer nele um sentimento específico, uma experiência humana comum que é a experiência da alegria<sup>10</sup>.

---

<sup>9</sup> CARNEIRO, S. F. B., *A articulação entre escola e comunidade do entorno em um projeto de literatura marginal: um olhar fenomenológico*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação Educação: Psicologia da Educação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2011.

<sup>10</sup>Bello explica a distinção entre viver a alegria do outro (ou como o outro), e a vivência empática. No primeiro caso, a vivência (*Erlebnis*) da alegria é uma vivência originária, vivida em primeira pessoa. Já no segundo caso, o conteúdo da vivência é a alegria experimentada pelo outro e não uma alegria própria. A conotação afetiva até pode acompanhar a vivência da empatia, fazendo com que a pessoa também sinta alegria com o outro, mas não é esta a essência da empatia. Esta distinção é importante porque mostra que na vivência da empatia não há fusão entre as pessoas, ou seja, permanece a distinção entre os sujeitos. Através dela as pessoas podem se reconhecer e comunicar mutuamente, mantendo sua própria individualidade. (BELLO, A.A., *A fenomenologia do ser humano: traços de uma filosofia no feminino*, Trad. Antonio Angonese, Edusc, Bauru, 2000, p. 160.)

A empatia é, portanto, uma primeira vivência que nos aproxima do outro e nos permite reconhecê-lo como um semelhante, não apenas pelas características físicas, mas pela possibilidade de tomar conhecimento da sua experiência vivencial. É uma vivência espontânea, pois ocorre independente da nossa vontade. É também neutra no sentido de que simplesmente reconhecemos outrem, semelhante a nós (e não igual), sem nenhum juízo de valor. Após reconhecer este outro, podemos nos sentir atraídos ou não, tendo uma reação de simpatia ou antipatia e, só então, nos posicionando e assumindo uma atitude de fechamento ou abertura em relação à pessoa.

A vivência empática é, portanto, uma chave fundamental para a compreensão da vida associativa humana. Ela aponta para o fato de que o ser humano, em sua própria constituição, não é uma mônada fechada, mas possui a capacidade de abertura ao mundo e ao outro, podendo reconhecer este outro não apenas no seu aspecto físico, mas também psíquico e espiritual. Isto significa a possibilidade de troca intersubjetiva e, portanto, de vivências comunitárias. Bello no prefácio da obra de Edith Stein "*O problema da empatia*" afirma:

*O mérito de Edith Stein é o de ter lançado as bases da análise da vivência da empatia de forma cuidadosa, convincente e poderíamos dizer, didaticamente eficaz, esclarecendo para si e para todos nós o que acontece em nós mesmos quando encontramos outro ser humano e como, deste encontro, se pode avançar na compreensão da nossa constituição: faz-se necessário passar pela corporeidade para se chegar a sentir o outro, a colher a sua vida psíquica e uma série de atos (ou vivências) que se podem definir espirituais; e nisto consiste o primeiro núcleo da comunidade<sup>11</sup>.*

Vimos, portanto, as bases fenomenológicas do pensamento de Edith Stein, a utilização do método proposto por Edmund Husserl em suas investigações e o interesse especial da autora pela pessoa humana. Destacamos a importância da vivência da empatia para a compreensão da vida associativa, em especial, da comunidade. Passaremos a seguir à apresentação da visão da autora a respeito dos traços essenciais da vida comunitária.

---

<sup>11</sup> BELLO, A.A., Prefazione, in STEIN, E. *Il problema dell'empatia*. Edizioni Studium, Roma, 1998, p. 9 (tradução nossa).

## **Vida associativa e vivência comunitária**

Vimos como a partir da redução transcendental Edith Stein reconhece diferentes tipos de vivências e chega a uma constituição essencial do ser humano. Seguindo o mesmo método fenomenológico para a investigação da vida associativa, Stein irá compreender os agrupamentos humanos a partir da análise das vivências dos membros de um grupo.

Toda vivência tem um conteúdo, um objeto, ou seja, ela é uma vivência de “algo”, que pode ser uma percepção interior ou algo externo, como por exemplo, um acontecimento, uma coisa, ou uma pessoa. Para compreender os agrupamentos humanos, Stein se volta para as vivências cujo conteúdo são as pessoas, ou seja, se volta para as vivências de um indivíduo em relação aos outros. Ela se pergunta a respeito do que acontece quando os seres humanos se encontram e reconhece neste contexto a vivência psíquica da empatia.

Como vimos, a empatia é espontânea porque ocorre independente da nossa vontade, e neutra, pois não implica nenhum juízo de valor. O juízo e o posicionamento pessoal consciente ocorrem após a vivência da empatia, ou seja, após reconhecer este outro, podemos nos sentir atraídos, ou não, tendo uma reação de simpatia ou antipatia.

A partir de então podemos nos posicionar assumindo uma atitude de fechamento ou abertura em relação àquela pessoa. Isto significa que, na constituição de uma associação humana, as três dimensões da pessoa estão envolvidas. Ou seja, para se conhecer o outro é preciso vê-lo, tocá-lo, ouvi-lo (corporeidade). Este conhecimento por sua vez é seguido de uma reação psíquica de atração ou repulsa (psique) e de uma atividade intelectual voluntária (espírito) da qual dependerá nosso grau de abertura em relação a esta pessoa.

O grau de abertura dos indivíduos em relação aos outros define as formas como suas vivências são partilhadas e acolhidas, o que, por sua vez, definirá um tipo específico de agrupamento social. Edith Stein identifica três tipos de agrupamentos sociais: a comunidade, a sociedade e a massa. Cada um deles é compreendido de acordo com a qualidade das relações estabelecidas e a ênfase maior que se dá às dimensões corpórea, psíquica e/ou espiritual da pessoa. Apesar desta distinção,

Stein aponta para uma inter-relação entre os diferentes tipos de agrupamento e afirma que não existe uma forma de associação pura<sup>12</sup>.

A massa é um tipo de agrupamento que se detém no nível corpóreo-psíquico, ou seja, no nível das reações. Na massa não há uma tomada de posição consciente das pessoas, por isso, ela necessita de um guia que lhe aponte o que fazer. A massa depende das intenções de um líder, servindo a um projeto alheio. A sociedade por sua vez, possui vida própria, ou seja, possui um princípio e um fim que dependem de um ato voluntário de seus membros.

Ela começa com um ato de fundação e termina quando sua finalidade é alcançada ou quando há uma decisão voluntária em dissolvê-la. Na sociedade a dimensão espiritual está presente já que as pessoas escolhem estar juntas. Entretanto, ela é uma união pessoal e espiritual específica porque as pessoas se relacionam em função de objetivos previamente definidos. Seus membros desempenham um “papel” dentro do grupo, se colocam um em face ao outro de modo objetivo.

Na comunidade existe também uma união pessoal; física, psíquica e espiritual entre os membros, que se relacionam não apenas focados nos papéis a serem desempenhados, mas com a pessoa inteira. Edith Stein vê a comunidade como um organismo vivo, sendo cada membro um órgão único nesse todo. Cada pessoa é insubstituível, ocupa um lugar próprio no grupo de acordo com suas características pessoais, com suas potencialidades e limites, enfim, de acordo com sua singularidade.

Como dissemos, não existe uma forma de agrupamento social pura, ou seja, ora as pessoas se relacionam como massa, ora como sociedade, ora como comunidade; e ao mesmo tempo alguns membros podem estar vivendo uma relação de comunidade enquanto outros vivem como massa. Além disso, dentro de uma mesma comunidade há diferentes graus de participação das pessoas. Stein chama de *sustentadores da comunidade*, as pessoas que vivem com sua alma a vida comunitária, pessoas cujas ações particulares refletem o sentido do todo.

Este aspecto é importante porque nos permite analisar de forma aprofundada e dinâmica os agrupamentos humanos. Stein afirma, por exemplo, que uma classe escolar em si mesma se caracteriza como

---

<sup>12</sup> CARNEIRO, S. F. B., *A articulação entre escola e comunidade do entorno em um projeto de literatura marginal: um olhar fenomenológico*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação Educação: Psicologia da Educação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2011.



sociedade, mas ela pode chegar a ser comunidade e este seria um dos papéis fundamentais do educador.<sup>13</sup> Mas como se chega a ser comunidade? Como se forma uma vivência comunitária?

O que caracteriza uma vivência comunitária é a abertura ao outro, uma troca recíproca de experiências em que cada membro toca e se deixa tocar pelas vivências alheias, chegando a partilhar uma vivência comum ou, se quisermos, uma vivência comunitária. Por exemplo, na medida em que uma pessoa me comunica o seu pensamento ela estará abrindo-me, passo a passo, à compreensão do sentido que originalmente constituiu o seu pensar. Vivendo o seu pensar sou impulsionado a continuar a pensar, o que não será mais uma reprodução sucessiva, e sim, uma produção originária na qual se abre para mim um novo complexo parcial da conexão de sentido global. Passamos assim a pensar movidos pela mesma motivação.

Desenvolve-se desta forma, na troca de pensamento, um “pensar junto” que não é mais uma vivência individual, mas um pensar em comum. Segundo a autora, tudo o que diz respeito à ciência se desenvolve desta maneira. Aquilo que dou como contribuição própria cresce sobre o fundamento de um patrimônio já acumulado e aceito por mim e que, por sua vez, transforma-se em fundamento sobre o qual outros construirão depois de mim<sup>14</sup>.

O que é próprio da vivência comunitária é o fato de existir uma experiência de um “nós” que é pautada por um núcleo de sentido comum. Este núcleo de sentido não é puramente subjetivo, mas é algo objetivo, em torno do que as pessoas se unem nessa vivência comunitária. O exemplo oferecido por Edith Stein é o de uma experiência de dor partilhada pelos membros de uma tropa. Quando morre o comandante de uma tropa, temos uma vivência comum da tristeza, que todos os membros partilham motivados pela perda daquele comandante. Neste caso, o núcleo de sentido comum seria a perda do comandante dessa tropa, e a vivência comum, a tristeza partilhada.

Por outro lado, embora essa tristeza seja partilhada, ela é vivida de forma singular. Cada um vive essa tristeza em uma profundidade e tempo diferentes, vive esse luto de um modo próprio. Edith Stein chama de invólucro as particularidades da vivência de cada membro de uma

---

<sup>13</sup> STEIN, E. *Psicologia e Scienze dello Spirito: contributi per una fondazione filosofica*. Trad. dal tedesco Anna Maria Pezzella, Città Nuova, Roma, 1999.

<sup>14</sup> Op. Cit., p. 195.

comunidade, ou seja, a contribuição pessoal que cada um dá à vivência comunitária.

A interrelação entre esses diferentes invólucros nos oferece o sentido do todo. Em outras palavras, da interação entre diferentes invólucros surge uma nova totalidade que constitui o modo próprio daquela comunidade viver algo. As diferentes vivências singulares formam um todo que é supra individual, e não a simples somatória entre elas<sup>15</sup>.

Podemos dizer, portanto, que Stein possui uma visão interacionista a respeito da relação entre a pessoa e a comunidade.<sup>16</sup> A pessoa enriquece a vida comunitária com seu modo peculiar de viver as coisas, ao mesmo tempo em que a vida comunitária proporciona um ambiente favorável ao desenvolvimento pessoal, auxiliando o sujeito a entrar no caminho formativo de se tornar cada vez mais si mesmo.

De fato, segundo Rus, Stein é muito atenta à dupla contribuição da tarefa educativa, ou seja, a individual e a comunitária. Ela não separa a realização legítima das aspirações profundas do indivíduo e o desenvolvimento de suas potencialidades, de sua inserção fecunda na sociedade. Rus afirma ainda que, na visão steiniana, o indivíduo constitui a comunidade e esta, por sua vez, cumpre uma dupla função em relação a ele: o encoraja a manifestar sua singularidade (sua nota pessoal) e o incita ao pleno cumprimento desta<sup>17</sup>.

O contexto relacional da comunidade possibilita o crescimento e a realização das pessoas. No encontro concreto com os outros, o sujeito se percebe como igual e ao mesmo tempo distinto. O outro é uma referência contínua que lhe permite uma comparação com sua percepção interior, e que lhe possibilita ter cada vez mais consciência de si mesmo.<sup>18</sup> Segundo Mahfouda, a experiência do estar junto, na simplicidade das situações cotidianas, é fundamental para o desenvolvimento do ser humano.

---

<sup>15</sup> CARNEIRO, S. F. B., *A articulação entre escola e comunidade do entorno em um projeto de literatura marginal: um olhar fenomenológico*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação Educação: Psicologia da Educação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2011.

<sup>16</sup> COELHO Jr, A. G. *As especificidades da comunidade religiosa: pessoa e comunidade em Edith Stein*. Dissertação de mestrado, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG, Belo Horizonte, 2006.

<sup>17</sup> RUS, E. de. *Interiorité de la personne et éducations chez Edith Stein*, LesÉditionsduCerf, Paris, 2006.

<sup>18</sup> BELLO, A.A., *A fenomenologia do ser humano: traços de uma filosofia no feminino*, Trad. Antonio Angonese, Edusc, Bauru, 2000.

*A vivência de estar junto é essencial para nosso ser, insubstituível por qualquer outra vivência. Nenhum de nós teria condições de elaborar a própria experiência, ou de ter cuidado consigo mesmo, sem a experiência de estar ou de ter estado com um outro no sentido absolutamente simples. É algo fundante para a nossa pessoa, que possibilita a apreensão do próprio mundo e a nossa realização.*<sup>19</sup>

Vemos, portanto, que a comunidade participa ativamente do processo de formação da pessoa. Stein afirma o papel formativo da comunidade à medida que o sujeito vê despertar em si uma série de aptidões que poderiam permanecer adormecidas na ausência desse ambiente. Para a autora, existem características que só podem ser desenvolvidas na vida da pessoa através de uma convivência comunitária. Como exemplo cita a humildade ou o orgulho, o altruísmo ou a ambição. Além disso, as vivências comunitárias possibilitam a apreensão de significados e valores compartilhados, que talvez sozinha a pessoa não apreendesse. Suscitam ainda propósitos que motivarão suas ações concretas e seu posicionamento diante dos outros.

Edith Stein propõe uma educação social, no sentido de ajudar a comunidade a integrar a individualidade de seus membros e a acolher novos membros na vida comunitária. Para isso propõe que se realize um trabalho tanto com a pessoa, para um conhecimento pessoal, como com a comunidade, no sentido de se buscar uma abertura dos demais membros às particularidades daquela pessoa.

A educação social visa uma integração no sentido da comunidade acolher as particularidades de seus membros sem distanciar-se de seu caminho próprio. A forma como as particularidades das pessoas são preservadas e respeitadas pela comunidade será decisiva para o seu desenvolvimento e fortalecimento, já que a comunidade tem em seus membros a fonte de sua força vital e as contribuições originais para a sua vida<sup>20</sup>.

Partindo das considerações acima apresentadas, relataremos a seguir uma experiência educativa em que pudemos acompanhar o surgimento de vivências comunitárias e a contribuição desta experiência para as pessoas que dela participaram.

---

<sup>19</sup> MAHFOUD, M., "Família e intersubjetividade", in MOREIRA, L.; CARVALHO, A. M. A. (orgs.). *Família, subjetividade e vínculos*, Paulinas, São Paulo, 2007, Cap. 4, p. 118.

<sup>20</sup> CARNEIRO, S. F. B., *A articulação entre escola e comunidade do entorno em um projeto de literatura marginal: um olhar fenomenológico*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação Educação: Psicologia da Educação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2011.

## Vivência comunitária na escola

Tendo apresentado a essência da comunidade de acordo com as investigações de Edith Stein, e explicitado a importância das vivências comunitárias para o desenvolvimento e a formação do ser humano, buscaremos ilustrar os aspectos até aqui tratados a partir do relato de uma experiência educativa ocorrida em uma Escola Municipal de Ensino Fundamental localizada na periferia da cidade de São Paulo<sup>21</sup>.

A experiência a que nos referimos foram oficinas de literatura coordenadas por jovens pertencentes a movimentos político-culturais da zona norte de São Paulo. As oficinas foram oferecidas semanalmente aos alunos do Ensino Fundamental II da escola, durante um ano letivo, e tinham como principais objetivos aproximar os alunos da literatura e, para usar uma linguagem “steiniana”, torná-los mais conscientes de sua pertença à “comunidade escola” e à “comunidade bairro”, tornando-os, assim, membros com um maior grau de envolvimento na vida comunitária desses grupos.

Tais objetivos refletiam tanto as expectativas da escola, representada principalmente pelo diretor e pela coordenadora pedagógica, quanto as aspirações dos jovens que ministravam as oficinas. Para os primeiros, havia uma queixa de falta de interesse dos alunos em relação à vida escolar e às atividades propostas. Era o primeiro ano de funcionamento da escola e, segundo a equipe gestora, grande parte dos alunos matriculados que haviam sido transferidos de outras escolas, possuíam uma característica comum que era a dificuldade destas escolas de lidarem com eles.

De acordo com a fala dos professores, no primeiro semestre do ano letivo, os alunos “conversavam se batendo”<sup>22</sup>. Era frequente presenciarmos brigas nos corredores e professores solicitando a presença da coordenadora pedagógica em sua sala, a fim de auxiliá-los na continuidade das aulas.

Inserida neste contexto, de acordo com a coordenadora pedagógica, a escola esperava que as oficinas de literatura, oferecidas por jovens que

---

<sup>21</sup> A experiência relatada é fruto da pesquisa de mestrado da autora, realizada entre os anos 2009 e 2011 na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, no Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação, sob a orientação da Profa. Dra. Heloisa Szymanski. A referência bibliográfica da pesquisa encontra-se ao final deste artigo: CARNEIRO, 2011.

<sup>22</sup> As expressões colocadas entre aspas referem-se às falas dos participantes retiradas das entrevistas realizadas durante a pesquisa.

utilizavam uma linguagem mais próxima dos alunos e que “amavam a literatura”, pudessem despertar interesse e ser um ambiente propício para o trabalho com certos valores, como por exemplo, a cultura de paz. Os jovens do bairro, por sua vez, eram movidos pelo ideal de transformar as pessoas através da cultura.

Pela produção e divulgação de poemas em livretos e saraus, denunciavam as precárias condições de vida, mas também as riquezas presentes na periferia. Queriam promover uma conscientização política e divulgar a arte como voz da periferia. Segundo o educador responsável, esperavam mostrar aos alunos que todos podem ser promotores de cultura. Queriam ampliar a visão da literatura mostrando produções que fugiam do “modelo clássico”. Buscavam mostrar, por exemplo, que uma letra de *rap* ou uma frase escrita em um muro possuem valor artístico, são poemas tanto quanto as produções de autores clássicos da literatura como Drummond ou Cecília Meireles.

As oficinas eram oferecidas concomitantemente com outras atividades e os alunos se inscreviam segundo seus interesses, comprometendo-se a frequentá-las por um semestre. Havia certo receio por parte da escola de que a literatura não os atraísse, por isso aliaram a esta atividade outra oficina para a qual havia muita procura: o grafite. Assim, quem quisesse participar do grafite teria que participar da literatura também.

Acompanhando as oficinas ao longo de um semestre, percebemos que esta situação gerou certo desconforto no início dos encontros quando os alunos reclamavam por não terem sido atendidos nas suas escolhas, uma vez que a obrigatoriedade da participação na oficina de literatura só havia sido apresentada a eles após terem feito suas inscrições. Ousáramos dizer que nesse momento do grupo predominavam relações de massa. Os alunos não se sentiam acolhidos na sua singularidade, mas eram olhados como uma massa liderada pela própria coordenação da escola que os conduzia para a realização de um projeto mais seu que dos alunos.

Em um segundo momento, entretanto, esta situação se modificou. Tanto a escola como o educador responsável pareceram se abrir para a situação dos alunos e reviram suas posições. Podemos dizer que eles foram afetados pela comunicação daquela vivência desconfortável do grupo e se abriram para um encontro pessoal com cada um. Diante desta abertura, alguns alunos acabaram desistindo do grafite e outros, apesar de não terem escolhido a literatura, resolveram participar e se abriram para a experiência que lhes era proposta. O “contrato societário” que não

havia sido atendido no início foi revisto e as relações passaram a se tornar mais claras, abertas e dialógicas.

Podemos dizer que alguns momentos se constituíram como vivências relacionais de tipo comunitárias, de acordo com as características apresentadas por Edith Stein: abertura ao outro visto na sua totalidade e não restrito ao papel social de educador ou aluno; solidariedade e cooperação. Neste movimento, pudemos acompanhar mudanças importantes em alguns participantes das oficinas. Relataremos a seguir exemplos de atitudes e novas compreensões por parte dos alunos, que ilustram estas transformações pessoais.

Um aluno contou-nos que seu interesse inicial era pelo grafite, que ele queria “chegar junto e pegar na lata”, queria “ir para o muro” e não queria saber de literatura. Entretanto, afirmou que resolveu ficar nas oficinas e passou a gostar. Contou-nos com entusiasmo como aprendeu a rimar as palavras com a ajuda do educador que pedia para ele dizer uma palavra e depois encontrar outra que combinasse com a primeira e, assim por diante, levando-o a descobrir-se capaz de fazer rimas. Ao final de um semestre, ele descreveu a experiência de escrever poesias como algo prazeroso e revelador no sentido de proporcionar um autoconhecimento. Caracterizou o escrever como possibilidade de falar de si e relatou as sensações que isto lhe proporcionou: “você flutua”, “você viaja na maionese”.

Este mesmo aluno gostava muito de música e batucava com a caneta o tempo todo, atrapalhando a concentração do grupo. Grande parte de seus poemas tinham ligação com este gosto pessoal. Descobriu a possibilidade de usar a literatura para fazer letras de *rap* e começou a compor junto com outros colegas, desenvolvendo novas aptidões.

De modo geral, podemos afirmar que a oficina de literatura foi um campo fértil para a construção de vivências comunitárias. Algumas delas mais pontuais, ou seja, ocorridas entre duas ou três pessoas e outras mais abrangentes. Ao tomar distância desta experiência, conseguimos identificar no grupo uma vivência comunitária ampla, gerada a partir de um núcleo de sentido comum que foi a literatura. Cada um a seu modo parece ter aderido à literatura como canal de expressão e desenvolvimento pessoal, fazendo dela um ponto de união, um objeto comum, um conteúdo comum das vivências dos membros daquele grupo comunitário.

Outra experiência interessante foi a mudança de olhar de um aluno, proporcionada pela relação de proximidade estabelecida entre ele e o educador, que fazia parte do movimento anarco-punk. O aluno

relatou como tinha uma visão preconceituosa em relação ao “ser punk” e como esta visão foi transformada pela convivência com o educador. Percebeu que punk é interessante, pois “vê as coisas de outra forma e tem conhecimento”.

Neste caso, podemos dizer que a vivência comunitária permitiu ao aluno romper com preconceitos ao se relacionar com uma realidade que julgava à distância. Fazendo um paralelo com a vivência da empatia e as reações psíquicas de atração ou repulsa que aproximam ou distanciam as pessoas umas das outras, diríamos que o punk para este aluno era algo distante que ele julgava provavelmente pelo visual com que as pessoas se apresentavam e que deveria lhe causar uma reação de repulsa. Entretanto, ao relacionar-se com o educador nas oficinas passou a reconhecer no “punk” um semelhante, uma pessoa com vivências e aspirações que ele reconheceu e admirou, transformando a reação de repulsa em atração e abertura.

Finalmente, gostaríamos de relatar a atitude de outro aluno em relação ao educador, ilustrando os laços de solidariedade que se criaram na vida comunitária das oficinas. Em uma tarde em que haveria oficina de grafite, de todo o grupo apenas este aluno compareceu. Ao ser questionado a respeito dos colegas ele respondeu que cada um tinha uma coisa para fazer. Disse que também teria aula de capoeira naquela tarde, mas que havia decidido pela participação no grafite porque sabia que o educador estaria esperando e não haveria nenhum aluno. Vemos neste relato que a solidariedade para com o educador foi a motivação de fundo que levou o aluno a comparecer à oficina.

Tais exemplos ilustram a importância das vivências comunitárias para o processo formativo. A aproximação dos alunos da literatura, dos jovens do bairro e das produções de pessoas que faziam parte de seu universo mais próximo, trouxe novas perspectivas ao grupo e proporcionou uma mudança de atitude em muitos deles que passaram a participar com maior envolvimento da vida escolar – ao menos das oficinas – e a encontrar um sentido no conhecimento.

Esta experiência pode ser vista como algo ainda mais rico quando observamos que a vivência comunitária possibilitou que os alunos fossem olhados, respeitados e escutados como pessoas, proporcionando a saída do anonimato da massa. Embora não possamos comprovar a afirmação que se segue, acreditamos que o fato deles terem passado por essa experiência os tenha fortalecido no sentido do enfrentamento de situações adversas, e muitas vezes violentas, a que estão sujeitos os

moradores da periferia, mas também, de modo geral os jovens da sociedade atual. Passaremos, a seguir, às considerações finais.

## **Conclusão**

Os temas acima apresentados revelam a atualidade do pensamento de Edith Stein e a grande contribuição de suas investigações para todos aqueles que buscam uma compreensão ampla do ser humano e dos agrupamentos sociais. A visão interacionista de Stein a respeito da relação pessoa e comunidade nos oferece a possibilidade de um olhar integrador destas duas realidades e nos dá pistas para intervenções que levam em conta o fato de que o desenvolvimento pessoal de cada membro contribui para o fortalecimento do grupo comunitário e vice-versa.

Mais do que teorias sobre a pessoa e os agrupamentos sociais, Stein nos estimula a olhar para a experiência, deixando de lado visões estanques e pré-estabelecidas para captá-los na sua dinâmica própria. Complementando esta afirmação, vale lembrar que, como fenomenóloga, o que Stein nos apresenta é a essência da vivência comunitária, um ideal de convivência que acontece em alguns momentos e em certos relacionamentos, mas que não são estáveis nem imutáveis. O relato das oficinas de literatura ilustrou um pouco desta dinâmica, explicitando a afirmação de Stein de que não há uma forma pura de agrupamento, mas que eles oscilam de acordo com os movimentos pessoais de seus membros.

Finalmente, desejamos afirmar, de modo mais específico, a contribuição de Edith Stein no campo educacional. Sua visão a respeito da escola e do papel do educador, de fazer com que uma sala de aula chegue a ser comunidade, leva-nos a uma reflexão crítica a respeito do atual sistema escolar, deixando-nos a seguinte interrogação: será que as escolas hoje oferecem oportunidades para a o surgimento de vivências comunitárias?

## **Bibliografia**

BELLO, A. A. *Introdução à fenomenologia*, Edusc, 2006, Bauru, SP.

\_\_\_\_\_. "Edith Stein: i gradi dello spirito", in AA.VV., *Etica contemporanea e santità – Atti del VI corso dei Simposi Rosminiani*, Edizioni Spes, Milazzo, 2006, p. 127-145.

\_\_\_\_\_. *A fenomenologia do ser humano: traços de uma filosofia no feminino*, Trad. Antonio Angonese, Edusc, Bauru, 2000.



\_\_\_\_\_. Prefazione, in STEIN, E. *Il problema dell'empatia*. Edizioni Studium, Roma, 1998.

CARNEIRO, S. F. B. *A articulação entre escola e comunidade do entorno em um projeto de literatura marginal: um olhar fenomenológico*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação Educação: Psicologia da Educação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2011.

COELHO Jr, A. G. *As especificidades da comunidade religiosa: pessoa e comunidade em Edith Stein*. Dissertação de mestrado, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG, Belo Horizonte, 2006.

GIORGI, A. "Sobre o método fenomenológico utilizado como modo de pesquisa qualitativa nas ciências humanas: teoria, prática e avaliação", in POUPART, Jean et alli. (orgs.). *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*, Vozes, Petrópolis, 2008, p. 386-409.

MAHFOUD, M., "Família e intersubjetividade", in MOREIRA, L.; CARVALHO, A. M. A. (orgs.). *Família, subjetividade e vínculos*, Paulinas, São Paulo, 2007, Cap. 4.

RUS, E. de *Interiorité de la personne et éducations chez Edith Stein*, Les Éditions du Cerf, Paris, 2006.

STEIN, E. *Psicologia e Scienze dello Spirito: contributi per una fondazione filosofica*. Trad. d'altedesco Anna Maria Pezzella, CittàNuova, Roma, 1999.

\_\_\_\_\_. *Il problema dell'empatia*, Edizioni Studium, Roma, 1998.

### **Bibliografia complementar sobre Edith Stein**

ESPÍNDULA, J. A. *O significado da religiosidade para pacientes com câncer e para profissionais de saúde*, Tese de doutorado apresentada ao programa de pós-graduação em enfermagem psiquiátrica da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, da Universidade de São Paulo. Ribeirão Preto, 2009. 233p. Acesso em 01/09/2010

<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/22/22131/tde-08012010-123832/en.php>

STEIN, E. *A mulher: sua missão segundo a natureza e a graça*, Tradução Alfred J. Keller, EDUSC, Bauru, 1999.

STEIN, E. *Psicologia e scienze dello spirito: contributi per una fondazione filosofica*, 2ª. ed. (A. Ales Bello, Aprersent.; A. M. Pezella, Trad.), Città Nuova, Roma 1999.

STEIN, E. *La struttura della persona umana*, Michele D`Ambra (Trad. dal tedesco), Città Nuova, Roma,2000.

*\*Profª. Ms. Suzana Filizola Brasiliense Carneiro*

Graduada em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica  
de São Paulo-PUC-SP

Mestre em Psicologia da Educação pela PUC-SP

Especialista em Teologia da Evangelização pela Pontifícia

Universidade Lateranense de Roma

sf.carneiro@uol.com.br